

Às armas!

•••Durante cinquenta anos o nosso Exército teve como razão única impor o poder político através da paz armada. Tivemos generais de caserna Santos Costas como outros tiveram Pinochets e perdemo-nos em aventuras perdidas nas Colónias como outros se perderam nas Malvinas. Adiante.

Mas agora, sem guerra nem inimigos, mais um soldado se vem acrescentar à lista das vítimas de quartel. Um partido, o PSR, e a Comissão de Apoio ao Serviço Militar Obrigatório manifestaram-se imediatamente contra a pedagogia castrense que produz este morticínio incompetente e o próprio provedor de Justiça exigiu que dele fossem prestadas contas ao País. Fê-lo em termos inequívocos, antecipando desde logo que o assunto «não podia ser envolto em secretismo, por ficcionadas razões de Defesa Nacional». Assim mesmo, *sic*.

«Com o exército não se brinca»,

ameaçou aqui há tempos o cidadão-castrense eng.^o Ângelo Correia, e, como se sabe, os políticos convenientes são muito fiéis a este aviso. Esqueceram o fiasco militar do general Kaulza de Arriaga em Moçambique como esqueceram António de Spínola, promovendo-o a marechal de tribunas comemorativas. Estas e outras brincadeiras perigosas não constam do Livro dos Feitos nem esmorecem o fervor castrense do engenheiro-deputado. Os mortos em instrução ainda menos porque passam à galeria dos soldados desconhecidos.

Não. No íntimo, no íntimo, somos todos temerosos-sim mas reconhecidos-não ao Exército dos nossos dias. Da tropa o que nos ficou gravado a letras de ouro, e só isso, foi o punhado de capitães de Abril que nos trouxe a liberdade que generais medalhados nos tinham proibido.



A MOSCA

José Cardoso Pires